

O passeio da Estrella.

Muitas e importantissimas obras se tem desde 1834 realisado em Lisboa. As vereações que desde então presidiram á gerencia dos negocios do municipio hão, em geral, desempenhado com mui louvavel zêlo as honrosas funcções a seu cargo, procurando aproximar a cidade das condições impreteriveis de uma grande capital.

Não se póde escurecer que algumas das obras emprehendidas não foram executadas em harmonia com as regras imprescriptiveis do gosto, e com o caracter monumental que deveriam ter; que outras foram dirigidas com reprehensivel descuido e impericia, como, por exemplo, a da canalisação; que algumas finalmente poderiam ser dispensadas absolutamente, ou adiadas para mais tarde: todavia, apesar de certos erros, que podem quasi sempre justificar-se, já pela carencia de meios pecuniarios, já pela falta de engenheiros devidamente habilitados, cumpre confessar que as camaras municipaes tem prestado relevantissimos serviços; e se não escaceiam motivos para a censura, sobra felizmente muito que elogiar, sendo incontestavel que Lisboa, debaixo de certos pontos de vista, vae passando por uma completa metamorphose.

Entre as obras modernamente emprehendidas e levadas a cabo para melhoramento da capital, avulta como uma das mais notaveis, merecendo por isso mui especial menção, o lindo passeio chamado da *Estrella*.

O pensamento inicial de construir em frente do templo e convento monumental do Santissimo Coração de Jesus um jardim publico, no logar onde existiam algumas terras de semeadura de pouca valia, e poucas casinholas de feia e pobrissima apparencia, deve-se ao sr. conde de Thomar, quando depois da segunda restauração da carta constitucional (em 1842) foi elevado ao cargo de presidente do conselho de ministros e ministro secretario d'estado dos negocios do reino.

As paixões partidarias pretenderam desvirtuar a resolução do ministro, attribuindo-a a motivos menos nobres de conveniencia particular; mas elle não esmoreceu no seu util empenho; e a opinião fez-lhe depois, n'esta parte, a devida justiça, applaudindo o comêço, e acompanhando com interesse e enthusiasmo o proseguimento de uma obra, pela qual se conseguia aformosear mui sensivelmente um dos sitios mais aprazíveis da cidade, e ao mesmo tempo proporcionar aos habitantes de um populoso bairro, até alli como que abandonado, uma diversão honesta e proficua á saude.

Pertenciam estes terrenos á massa fallida de Antonio José Rodrigues. Assentado definitivamente que se edificasse alli um passeio, tratou-se da competente expropriação, a qual se realisou com effeito perante o juizo de direito da 5.ª vara, sendo entregues á camara em 18 de junho de 1842, em consequencia de um officio expedido pelo governo civil em 28 de abril do mesmo anno, e em cumprimento da portaria que lhe havia sido remettida pelo thesouro publico em data de 5 do dito mez, ajustando-se a compra de taes terrenos pela quantia de 4:000$000 réis, que foi deduzida da de 5:000$000 réis, donativo que o barão de Barcellinhos offerecêra para construcção do projectado passeio.

Vieram as discordias civis de 1844 e 1846, e tanto o governo como a municipalidade não poderam tratar da execução do plano, de antemão traçado, tão breve como se desejava.

Só em 30 de setembro de 1850 é que começaram definitivamente as obras de engradamento e plantação, sendo dirigidas aquellas pelos architectos da repartição das obras publicas, e estas pelos habilissimos jardineiros Bonard e João Francisco. Merecem estes alto louvor pelo modo por que desempenharam tão melindroso trabalho. Afastando-se do methodo seguido no passeio mandado plantar pelo marquez de Pombal, aproveitaram habilmente os accidentes do terreno, conseguindo levantar um traçado que satisfaz a todas as condições, e que não apresenta a monotonia dos antigos jardins e matas de recreio.

As obras de architectura mereceram alguns reparos de um juiz competentissimo na materia, o sr. J. da Costa Cascaes; até que ponto esses reparos eram fundados, que o digam os mestres da arte; entretanto nos não podêmos deixar de dizer que nos agrada, e agradou geralmente, o desenho ligeiro e elegante do engradamento e porticos de ferro fundido.

Posto que abranja uma consideravel porção de terreno, não póde chamar-se vasto este passeio; em tão limitado espaço era, porém, talvez impossivel reunir mais attractivos. Alguns lagos, imitando escrupulosamente a natureza, uma soberba cascata, a que só falta, para produzir mais pittoresco effeito, maior lençol d'aguas, elegantes kioscos, estufas, pequenas e airosas fontes, um grande pavilhão de apparatoso risco, eis os principaes objectos que se encontram n'este delicioso passeio. Se se juntar a isto a sua aprazivel situação, entre o soberbo templo fundado pela rainha a senhora D. Maria I, e o amplo edificio do nosso excellente hospital militar, avistando-se, por entre o viçoso arvoredo, ao fundo, de um lado, o Tejo coalhado de navios, e a soberba margem que limita ao sul o nosso magnifico porto; por outro, os cyprestes ponteagudos do proximo cemiterio dos protestantes, e ter-se-ha um idéa perfeita do que é o passeio da Estrella.

A estampa representa o pavilhão a que acima alludimos, junto á muralha que o divide da quinta pertencente ao sr. marquez de Paraty. A planta d'este pavilhão foi feita pelo architecto da camara municipal o sr. Pedro José de Pézerat (que tem egualmente superintendido todas as construcções desde certa epocha), importando em 7:668$184 réis.

As despezas que se tem feito no passeio da Estrella até fim de junho ultimo montam, incluindo a do pavilhão que acima mencionámos, á somma de reis, 76:724$203, advertindo que esta valiosa quantia tem-a recebido a camara do ministerio do reino, de donativos que lhe foram offerecidos com esta e outras applicações. [1]

BERNARDIM DE SAINT-PIERRE.

I.

Do meio da espantosa corrupção de costumes, que lavrava por todas as classes da sociedade no meado do seculo XVIII, surgiu a eschola philosophica de Voltaire, menos como uma reacção contra essa desmoralisação sempre progressiva, do que como uma consequencia d'ella. Antes que os philosophos dissessem aos povos *não ha Deus!* haviam estes aprendido a desprezar toda a idéa de religião e de moral nas impias orgias da Regencia, na prostituição que se acobertava sob o manto da hypocrisia, que se aninhava nos degráos do throno, que ajudava até a sustentar o sceptro, e n'essas saturnaes aristocraticas, em que as blasphemias disfarçadas em bons ditos serviam de acipipe á sensualidade mais descarada e brutal. Ha circunstancias propheticas na vida do homem, que quasi desde o berço annunciam o que elle deve ser um dia. O patriarcha da nova seita philosophica, o pequeno Arouet, que devia ser depois o *grande* Voltaire, aprendia a ler pelo infame poema *Moisade;* uma prostituta celebre, Ninon de Lenclos, conduzia pela mão ao gremio da alta sociedade o talentoso mancebo, que mais tarde proclamou o deleite como unico motor dos homens, e que avançou esta proposição altamente immoral: «A natureza chama-nos para Deus por via dos prazeres sensuaes.»

O philosophismo, submettendo a fé á razão, as idéas á sensação, a justiça ao interesse, e proclamando o erro como elemento social, não fez mais do que lisonjear o gosto de uma sociedade pretenciosa e corrupta, sanccionando com theorias incoherentes e paradoxaes o scepticismo e a immoralidade, que o seculo havia já praticamente abraçado.

Não venham dizer-nos que taes philosophos amavam a humanidade. Se a amassem, não lhe alargariam a senda de corrupção, que ella trilhava desvairada; chamal-a-hiam antes ao caminho da moral e da justiça. Não nos digam tambem que a philosophia do seculo XVIII reagia só contra as doutrinas que desfiguravam as crenças catholicas. O seu fito foi antes destruir essas crenças, porque suppoz que o homem podia e devia renegar tudo quanto lhe haviam legado as gerações passadas, a verdade assim como o erro, a moral assim como o vicio, as boas doutrinas assim como as falsas praticas. E se não digam-nos: como é que a immoralidade de alguns padres, a hypocrisia ou o fanatismo de outros, os erros d'alguns dogmatistas, a intolerancia d'este ou d'aquelle papa, podiam provocar as iras de uma seita, que declarava arbitrarias as idéas de virtude e de vicio, de justiça e de injustiça, como dependentes do habito; que tinha o erro como elemento social, que via uma felicidade publica nos vicios dos particulares, e que levava a intolerancia a ponto de desafiar um homem para lhe provar com a espada na mão, que a existencia do Ente Supremo era uma chimera? Como é que esses philosophos podiam aspirar ao titulo de philanthropos, de amigos do homem, se longe de lhe lembrarem a sua alta origem, os seus nobres destinos, a sua supremacia sobre os outros animaes, elles affirmavam, pelo contrario, que a materia pensa; que os homens não passam de uns macacos policiados; que a cabeça de Homero e de Virgilio não foram senão conjunctos de moleculas, ou seres combinados e elaborados de sorte que produzissem a Illiada e a Eneida; que não ha mais que uma felicidade temporal, e que nós não temos mais que duas faculdades, a *sensibilidade physica* e a *memoria*, não passando esta ultima assim mesmo de uma sensação continuada, se bem que attenuada e enfraquecida, e sendo ambas estas faculdades tambem communs aos brutos animaes?...

Parece-nos muito mais logico deduzir de similhante doutrina esta consequencia: — Os philosophos do seculo passado eram apenas uns orgulhosos loucos, que vendo os seus contemporaneos submersos no pégo dos vicios, procuraram dourar-lhes a torpeza, para arrancarem ás turbas os applausos, de que eram sedentos. Assim se explicam as immensas contradicções em que caíram, os absurdos que subscreveram, e até o arrependimento que alguns mostraram ao verem as consequencias praticas dos seus fataes delirios. Quando Voltaire escrevia que a religião era uma conjuração de sessenta seculos contra o bom senso e a liberdade; quando Helvecio nivelava o homem ao bruto; quando Mandeville pintava a moral como um artificio dos legisladores, e sustentava que a sociedade só podia existir pelo egoismo, pela astucia e pela inveja; é impossivel que se

[1] Os valiosos esclarecimentos que se contém n'esta breve noticia foram-nos fornecidos pela contadoria da camara municipal de Lisboa, e tem por consequencia um caracter, para assim dizer, official.

sentissem dominados por um verdadeiro amor da humanidade. Procurando destruir com estes e similhantes absurdos as mais solidas e consoladoras verdades, tirando aos infelizes a esperança de uma outra vida de bemaventurança, despindo a justiça, a probidade e a virtude de seus encantos e attractivos, o que deixavam elles á humanidade para seu lenitivo, para seu estimulo, para sua satisfação, para sua esperança, para seu orgulho até sobre a terra? Cruel amor era sem duvida esse que elles votavam ao genero humano, que tinha por unicos dons tantas injurias, e que teve a final por funesta consequencia os fataes horrores do primeiro periodo da revolução franceza!

Ora é certo que alguns escriptores catholicos se levantaram desde logo para combater os perigosos extravios dos chamados espiritos fortes; mas isto não era bastante para que o bom senso e a humanidade ficassem plenamente desaffrontados. Era preciso que do proprio gremio do philosophismo se alevantasse a reacção, e que a moral, a virtude, tudo isso que os pseudo-philosophos capitulavam de illusões, despertasse em seu favor uma voz poderosa no meio mesmo das enraivecidas hostes dos livres pensadores.

E essa voz alevantou-se; e essa reacção, obra da Providencia, que se serve do tronco do erro para fazer rebentar sementes de verdade, essa reacção, dizemos nós, operou-se!

O primeiro reaccionario foi João Jacques Rousseau!

II.

Os primeiros passos de João Jacques Rousseau na carreira das letras fizeram-se logo notar pela estranha senda que trilhavam. Elle procurou abater o orgulho dos homens litteratos (e era esse então o maior peccado de taes homens), compondo o celebre discurso, em que sustenta, que a corrupção dos costumes anda sempre a par dos progressos da intelligencia. Era o primeiro brado de uma alma indignada contra os máos serviços que a sciencia fazia á humanidade, lisonjeando e promovendo a desmoralisação da epocha. Era um anathema, que envolvia, juntamente com a falsa, a verdadeira sciencia; era um paradoxo, talvez, sustentado com especiosas razões; mas era tambem o primeiro symptoma de uma reacção, que mais tarde devia ser para a humanidade mui fertil em proveitosas consequencias. Fôra o *orgulho* o que desvairára os philosophos; foi tambem o orgulho o que levou o primeiro golpe.

Depois, reconhecendo quão mal avisados andam os que pensam, que não é possivel reformar, sem demolir primeiramente, Rousseau esforçou-se por subtrahir á destruição geral o sentimento religioso, e tentou rehabilitar a moral pelo quadro dos costumes republicanos em sua primitiva simplicidade « collocando-se em opposição á eschola *voltairiana*, ao passo que esta divinisava a razão que desune, Rousseau exaltava o sentimento que approxima, » diz um sabio escriptor contemporaneo; e não contente com isto, levanta mais alto o seu brado de indignação contra os philosophos, a quem trata de fracos, de impostores e de orgulhosos, mostra-lhes o cancro do vicio corrompendo uma sociedade desmoralisada por elles, protesta contra a obra de destruição que o philosophismo vae consummando por toda a parte, sonha novos paradoxos para combater os paradoxos dos outros, lucta, geme, horrorisa-se, desváira-se, e alfim, não tendo forças bastantes para repellir todos os erros que bebêra na fonte impura da falsa sciencia « atira comsigo á torrente, e o seu nome submerge-se no pégo da reprovação, onde jazem mergulhados os nomes dos renegados, que não comprehenderam o Verbo! » (¹)

(¹) A. Herculano, artigo *Christianismo* no III vol. do *Panorama*.

Triste quadro é este da fraqueza humana! Tão occulta estava a luz da verdade entre as densas trevas do erro, que nem a aguda vista do philosopho de Genebra pôde do meio d'estas descortinar de todo aquella! É a verificação do que diz o padre Lacordaire em uma das suas celebres Conferencias: « Quando entre um povo tudo está por terra, envia Deus alguns homens de genio para impedir que o erro prescreva a esse povo os direitos da verdade; mas quando elle surge de novo, quando a onda, que parecia ter-se retirado, torna a voltar e a subir, e que o grande exercito divino marcha com passo mais seguro, então esses homens de genio sáem voluntariamente da fileira, temendo que a posteridade enganada os acredite auctores de um movimento, em que apenas eram servos e beneficiados. »

Ora, assim como a philosophia esterilisadora de Voltaire teve sequazes, tambem a reacção sentimentalista de Rousseau fez adeptos, dando-se entre esta e aquella a grande differença de que a primeira morreu depois de cumprida a sua missão de *destruir*, e a segunda deu principio á reconstrucção da arte e do bello, e fez triumphar o predominio da moral e do sentimento.

III.

Bernardin de Saint-Pierre foi não só o melhor discipulo, mas o amigo predilecto de Rousseau. No seio d'este amigo depositava João Jacques as suas mais importantes e intimas confidencias, e era n'estas conversações sinceras que o seu coração se expandia ao calor vivificante da amizade, como a flor aos raios do sol matinal, para deixar transparecer as saudades, que o pungiam, do catholicismo que abjurára. A alma do philosopho de Genebra era n'estes deliciosos momentos toda aspirações para aquella religião sublime, unica que possue os verdadeiros remedios para as dores do espirito, e para as paixões tumultuosas do coração humano.

Um dia passeavam os dois amigos pelo campo. João Jacques estava triste... triste d'aquella misanthropia fatal, que o fazia divagar continuamente em busca da felicidade, sem jámais poder encontral-a. Bernardin respeitava essa tristura, e caminhava em silencio ao lado do mestre. Ouvem-se ao longe os sons de um sino tangendo ás *Ave-Marias*: Rousseau pára, descobre-se, e reza com fervor; depois volta-se para o amigo, e diz-lhe:

— Mais de uma vez em similhantes momentos me tem surdido n'alma o desejo de fazer-me catholico!... E sabes para que! para metter-me frade!...

Bernardin fitou-o admirado.

— Sim, proseguiu Rousseau; eu creio que a solidão do claustro, onde só vivem homens votados a Deus, deve ser um antegosto das delicias da Bemaventurança.

O discipulo meneou a cabeça em ar de duvida, e perguntou-lhe:

— Porque não abraçaes vós então a nossa communhão? Poderieis fundar um cenobio, onde bem depressa reunirieis mais discipulos que Abeilard.

— Porque o não faço? volveu o philosopho. Porque o não faço?... Porque, se eu deixasse o mundo, não poderia mais amar.... e como viver sem amor?!...

Tal era a bella alma de Rousseau! Mas as suas ultimas palavras mostram que, infelizmente, elle não chegou a comprehender o christianismo. Elle receiava que o seu coração desfallecesse á mingua de amor no seio de uma religião, que é toda de amor! Temia não poder libar esse nectar celeste no gremio de uma crença, que inspirou ao auctor da *Imitação de Christo* estas phrases sublimes: « Só quem ama póde entender os gritos do amor, e as palavras fervorosas, que uma alma vivamente tocada de Deus lhe dirige

quando lhe diz: Vós sois meu Deus, vós sois meu amor; sois tudo para mim, e eu sou tudo para vós.... Porque o amor nasceu de Deus, e só n'Elle póde repousar, elevando-se acima de tudo o creado! »

N'esta parte Bernardin foi mais feliz, que o mestre, porque abraçou verdades, que aquelle apenas ousou encarar de passagem. Ao passo que os proselytos de Voltaire escarneciam a Biblia, Bernardin de Saint-Pierre nutria o seu espirito na leitura d'aquellas divinas paginas, e repassava o seu coração das bellezas inimitaveis do livro por excellencia. Mas elle passava por isso mesmo desconhecido aos olhos da França, que só os tinha para admirar os pseudo-sabios — os Titans arrogantes, que em seu desmesurado orgulho pretendiam escalar o ceo, e derribar o Crucificado do seu throno da eternidade. — N'aquelle seu isolamento Bernardin não deixava todavia de condoer-se do genero humano, parte do qual via immersa nas trevas da ignorancia, e outra parte transviada pelos tortuosos ambages de uma falsa sciencia. Desesperando de poder remir as sociedades europeas da corrupção que as gangrenava, seus olhos e suas esperanças voltaram-se para o novo-mundo, e concebeu então a idéa de fazer-se jesuita para ir levar a fé aos selvagens americanos.

IV.

Fosse porém qual fosse o motivo, o certo é que elle não chegou a realisar este projecto. Mas cançado da vida inactiva, que levava, passou alfim a Malta para guerrear os turcos. D'alli foi á Russia, e apresentou-se á imperatriz Catharina, e ao seu favorito, o conde de Orloff, no intuito de obter d'elles consentimento e ajuda para pôr em pratica uma idéa, que havia muito lhe occupava o espirito. Era a fundação de uma republica modelo nas margens do mar Caspio. A sua alma, ferida pela vista repugnante das sociedades europeas naufragando no pelago da corrupção dos costumes, refugiava-se no seio d'estas concepções audazes, d'estas utopias mais ou menos extravagantes, e consolava-se com a esperança de poder crear uma nova sociedade, formada segundo os verdadeiros principios da religião e da moral, foco d'onde partisse um dia a reforma da humanidade, crisol, onde viessem a retemperar-se os costumes, quando os homens se desenganassem de que o caminho da depravação e do erro, aberto pelos philosophos, os conduzia a um espantoso abysmo, de que era preciso retrogradar para salvar a sociedade.

Nem Orloff, nem Catharina prestaram, porém, attenção ás theorias de Bernardin, que olharam como partos informes de um cerebro escandecido, e que receberam com um sorriso de compaixão. Bernardin tirou, pois, por unico fructo da sua viagem á Russia o minucioso estudo que fez da organisação politica de tão colossal imperio, do qual dizia depois com espirituosa singeleza: *A Russia é similhante a um bello fructo, apodrecido antes de estar maduro.*

Rebentando n'este meio tempo a revolução da Polonia, Bernardin de Saint-Pierre fez-se partidista e campeão d'ella. Depois de ter affrontado muitos perigos e indiziveis trabalhos, viu-se de subito assaltado por uma nova especie de inimigo, a cujos golpes esteve para succumbir. Queremos fallar de uma paixão violentissima, que lhe inspirou certa dama de nobre linhagem, e de mui peregrina formosura. Depois de alguns episodios mui romanticos, que a natureza do nosso artigo nos não permitte narrar, esta paixão teve, como tantas vezes acontece, por desfecho uma decepção cruel, que abriu no coração do pobre amante uma profunda ferida, nunca perfeitamente cicatrizada.

Bernardin regressou então á sua patria. Alli travou relações com mr. d'Alembert, que o introduziu na sociedade dos philosophos. Mas Bernardin nada tinha de commum com esses miseraveis sophistas, e a sua alma crente e apaixonada deu-se por conseguinte muito mal n'aquella atmosphera impregnada de grosseiro materialismo; elle teve de soffrer as mais pungentes injurias da intolerancia de taes homens, que não podiam comprehendel-o. Entre outras, refere-se a seguinte anecdota, a que já alludimos em outro logar d'este artigo. Encarregado pelo Instituto de fazer um relatorio sobre a solução de uma questão moral, Bernardin aventurou-se a proferir o nome de Deus; então todos os que estavam presentes se erguem furiosos, rompem em altos brados, enchem-no de grosseiros apodos, perguntam-lhe onde víra Deus, e que figura tinha? ameaçam-no, expulsam-no da assemblea, e um chega até a desafial-o para que prove com a espada a existencia do Ente Supremo!

Bernardin fugiu pressuroso de tão incommoda companhia, e refugiou-se outra vez no seio da obscuridade e da pobreza. Mas não ficou alli ocioso; os campos, o ceo, o mar, a solidão, todas essas bellezas naturaes, que amava tanto, apresentaram-se a seus olhos como um livro aberto, que elle folheava de continuo, achando no volver de cada pagina novos prazeres, novas consolações. A natureza indemnisava-o assim dos dissabores, que lhe dera o trato de uma sociedade pervertida. Mas elle não enthesourou só em seu coração as joias da mais sublime poesia que ia colhendo em suas meditações e passeios solitarios. Pelo contrario vasou-as todas em um livro — nos *Estudos da Natureza* — obra cheia de idéas religiosas, de respeito pelo Ente Supremo, e cuja publicação foi um arrôjo n'aquella epocha; arrôjo punido pelos philosophos com novos epigrammas e mais acerbas invectivas.

V.

O pouco successo, que obteve este livro, não acobardou o seu auctor. Bernardin de Saint-Pierre continuou a conservar a sua admiração pela natureza, o seu culto pelos livros santos, e a haurir d'estas duas inesgotaveis fontes novas e sempre sublimes inspirações. Publicou em seguida o incomparavel idyllio de *Paulo e Virginia*, simples e maravilhoso poema, singelo como as parabolas do Evangelho, ineffavel como as scenas da natureza virgem, que representa. Os contemporaneos de Bernardin olharam esta obra com desdem; quando seu auctor a leu pela primeira vez no salão de m.^{me} Necker, os ouvintes adormeceram!... Hoje qualquer juizo critico sobre o seu merecimento será inutil e até superfluo. Quão differentes são as duas epochas! A posteridade vingou Bernardin de Saint-Pierre do somno motejador dos contubernaes de Necker. Por cada um d'aquelles bocejos estupidos d'essa sociedade embrutecida ou desvairada, tem recebido o auctor de *Paulo e Virginia* milhares de provas de admiração e sympathia, e poucos livros haverá, que, tornando-se tão universaes, tenham, como este, vingado tambem o seu auctor da indifferença dos seus contemporaneos.

Bernardin de Saint-Pierre publicou ainda outra obra, *A Choupana India*, mui somenos em merecimento ás duas supracitadas. Os seus ultimos annos passou-os retirado do bulicio do mundo, desfructando uma pensão de 6:000 francos, que lhe obtivera José Bonaparte. A sua morte, succedida em Epagny a 21 de janeiro de 1814, sendo uma grande perda para a litteratura franceza, passou todavia quasi desapercebida no meio do tumultuar das paixões politicas. Mas a gloria que alcançou *Paulo e Virginia* será immorredoura; e os francezes ufanam-se com razão de um patricio, que dotou a sua litteratura com uma obra tão universalmente lida e apreciada.

Bernardin de Saint-Pierre tinha uma bella appa-

rencia, uma conversação aprazivel e cheia de erudição, se bem que nos seus ultimos annos se tornou melancolico e impertinente. O amor que votava á humanidade, e o descoroçoamento que a final o tomou de poder conduzil-a a melhor caminho, fel-o caír em uma misanthropia similhante á de seu mestre Rousseau, ou, segundo a phrase de C. Cantu, « em um optimismo providencial, que o levava a fazer da natureza um typo de belleza e bondade absolutas, no qual a harmonia do ceo com a terra existiria sempre, a não vir destruil-a o homem, que, civilisando-se, abandonou pela corrupção das cidades a magestosa innocencia dos bosques. »

Entretanto elle teve a coragem de atravessar uma epocha de impiedade e de descrença sempre abraçado á arvore sacrosanta do christianismo; e resta-lhe hoje a gloria de ser um dos primeiros combatentes contra o philosophismo do seculo XVIII, e um dos mais notaveis auctores da reacção religiosa.

D. MIGUEL SOUTO-MAYOR.



Leopardos.

O leopardo, ou onça. como lhe chamavam os nossos antigos portuguezes, é um quadrupede mammifero, da ordem dos carnivores, da familia dos digitigrados e do genero gato.



Pantheras.

Encontra-se este terrivel animal mais vulgarmente nas mattas da Guiné; mas não é raro apparecer em outros pontos da Africa e da Asia.

Tem o leopardo grande similhança com o tigre, tanto na fórma do corpo, como na indole traiçoeira; com a differença, porém, que as malhas negras da

pelle que n'aquelle costumam ser longitudinaes *(maculæ virgatæ)*, n'este representam uma especie de annel irregular ou os contornos grosseiros de uma rosa *(maculæ orbiculatæ)*.

O leopardo mede de ordinario 1 metro a 1 metro e 50 centimetros de comprimento, e 75 a 90 centimetros de altura; a côr da pelle é amarella no lombo, esbranquiçada pelo ventre, e malhada, como já dissemos, de côres escuras; olhos mui vivos, lingua aspera, orelhas redondas, cachaço comprido e cauda roçagante.

Todos os esforços empregados para domesticar este quadrupede tem sido infructuosos, e é esta uma das provas mais evidentes da sua ferocidade.

Mas n'esta qualidade excede-o ainda, se é possivel, a panthera. Da mesma ordem, familia e genero que o leopardo, habita a panthera não só as regiões da Africa, como as mais altas latitudes da Asia e o archipelago indico; nas dimensões e exterior pouco se differença do tigre e do leopardo; tem, porém, a pelle de côr branco-suja, salpicada tambem de varias côres, devendo comtudo notar-se que, tendo o primeiro as malhas longitudinaes, e o segundo arredondadas, orbiculares, este no lombo tem-nas redondas, e no ventre longitudinaes.

As pelles dos animaes a que nos referimos, e que as gravuras representam fielmente, são muito estimadas, e com ellas se fazem tapetes para salas, chabraques para cavallaria e outras obras, constituindo, por similhante motivo, um ramo importante de commercio.

VASCO LOPES.

GRÃO-MESTRE DE SANTIAGO.

1338.

II.

Os sinos do convento prioral de Uclés cessaram de dobrar.... O grão-mestre de Santiago morrêra.

Tres dias depois sepultavam o cadaver n'uma das capellas lateraes da egreja, e ao cabo d'outros tres dias já ninguem se lembrava de quem quatorze annos regêra a ordem poderosa. Uma singela pedra tumular esculpida grosseiramente com um cavalleiro de larga espada; duas paginas nos chronicons da ordem, era quanto aos futuros seculos ficava em memoria ácerca do XXIV d'estes mestres soberanos!

D. Affonso VI, cujo caracter forte lhe fez merecer na historia a cognominação de *vingador*, fizera constar á ordem a sua vontade, apoiando-a com algumas tropas mandadas occupar Cuenca. Affonso contava com alguns, ainda que poucos, dos membros do capitulo; mas a maioria desprezára suas propostas, e decidira eleger livremente.

O momento da eleição chegára.

A maior parte dos eleitores estava reunida. O prior da casa conventual de Uclés, inda que acerrimo partidario do rei, submettendo-se ao voto da maioria dera principio aos preliminares da eleição, e com pausado e grave accento leu as definições da ordem. Entre outras havia esta mui notavel:

«Queremos e estatuimos, que os concubinatos publicos, que deverão classificar-se de incestuosos, adulteros e sacrilegos, incapacitem para receber quaesquer bens, dignidades, cargos ou beneficios. Se os tivessem, ordenâmos que sejam privados d'elles e expulsados da ordem....

«Se commetterem crime atroz, o criminoso será entregue ao braço secular.»

— Cavalleiros religiosos (disse depois o velho D. Mendo), nobres homens de Castella, que cobris os peitos generosos com as insignias dos guerreiros, a cruz do grande apostolo Santiago, terror e espanto da mourisma! Chamou Deus a si o poderoso mestre D. Vasco Rodrigues Cornado, que quatorze annos foi a gloria e o esplendor da ordem, vencendo os Abomeliques, Reduão e Abuzabet, em Murcia e n'outras cidades, e estendendo consideravelmente o nosso territorio. Deus nos acaba de privar d'um pae, e d'um grande chefe! Que a eleição do seu successor nos faça esquecer o lucto que nos cobre o coração. Livres, sem paixões e sem affectos, ides designar o que julgaes digno de succeder-lhe. Alexandre III, pontifice de eterna memoria, quiz que, ainda que o grão-mestre fosse o chefe soberano da ordem, ella fosse tudo, e elle obrigado a respeitar a sua lei. Que aquelle, cuja eleição o Senhor vos inspirar, se não vanglorie de ver-se nas alturas a que ides eleval-o; que seja religioso, guerreiro, irmão de todos, e não julgue eterno o seu poder, porque verá, se abusar da sua dignidade, quebrar-se o sceptro magistral como barro fragil, e perder a dignidade logo que seja indigno d'ella. Se esquecer que o nosso fim é batalhar para estender a lei de Christo; se adormecer nas delicias da terra, ouvirá de repente o clarim do juizo, e encontrará em meio dos festins a mão fatidica que traçou com caracteres de fogo a sentença de Balthazar, e derrocou o seu poder!

Os eleitores escutaram a voz austera do prior, e prepararam-se para dar um chefe á ordem.

Vasco Lopes ia em fim recolher o fructo dos trabalhos de toda a vida. Passeava só, meditabundo e inquieto, na sala immediata á em que o capitulo se celebrava. Havia cinco noites que não dormia; o descanço era impossivel em similhante crise. O rosto pallido, os olhos entumecidos, davam-lhe, passeando lentamente, embuçado no manto branco em que sobresaía a cruz roxa de Santiago, o ar d'uma das estatuas levantadas nos sepulchros dos cavalleiros, que tivesse voltado á vida para presenciar o que faziam seus successores.

— Quatro!... cinco!... dez partidos! (dizia parando machinalmente a cada passo que dava). Decididamente levo muita vantagem a Gusmão, não obstante o apoio do rei. Meu é o triumpho, seguro.... Mas ha tambem terriveis eventualidades. A circunstancia mais leve, um dito, uma palavra, uma fatalidade inexplicavel póde fazer abortar os planos de dez annos, as mais bem fundadas esperanças. Que agitação sinto n'alma! parece que estou pendente entre a vida e a morte! E tenho que compor o semblante, e que rir, e que dissimular para que não lêam no meu rosto!... Que tempo a esperar ainda! Que lentidão nas formulas! Juramentos.... nomeação dos treze, em cuja mão está todo o poder.... oh! como isto tortura! como isto esmaga! Quando os treze e o prior se retirarem, que terrivel anxiedade! que silencio! Receio não poder dissimular, e que ao fazer-se a votação me ouçam de longe as palpitações do peito. Quando o mais velho abrir a varanda que deita sobre a praça, e annunciar com voz tremula e commovida o nome do que tiverem elegido para seu mestre e soberano; quando todos estenderem a cabeça para melhor escutar o nome que vae pronunciar, oh! quantos dias da minha vida se consumirão n'esse minuto de silencio, para ouvir esse nome que o cavalleiro já sabe, e que para mim se demora uma eternidade!... E esse nome será o meu? E esse grão-mestre serei eu?... Não póde ser outro. Depois da lucta todos prostrados se confessarão meus vassallos, beijarão a mão de que podem receber mercês, e por isso entoarão canticos de louvores ao Senhor!... Mas, se falhar a minha esperança? Ao atravessar a egreja para beijar a mão a outro, com as pernas vacillantes, cairia morto pela dor! E poderia eu beijar nunca a mão d'esse novo

mestre?!... Eu prostrar-me ante Affonso de Gusmão?!...

Ao mesmo tempo que murmurava estas palavras, profundos suspiros lhe escapavam do peito. Redobrando os passos percorria velozmente todo o comprimento do aposento. Quando, acalmada esta agitação, ia entrar na sala do capitulo geral, ao que tinha direito pela sua alta dignidade, um servo da ordem veiu dizer-lhe que uma mulher, que trazia o rosto coberto com um véo, desejava fallar-lhe com grande instancia.

Singular era n'aquella occasião, e no convento, a visita d'uma mulher, e mais para Vasco Lopes, cujos costumes austeros eram bem conhecidos. Reflectiu que era preciso ouvil-a, porque talvez seus parciaes se tivessem servido d'ella, para lhe dar algum aviso importante. N'aquelles momentos tudo era urgente e vital para elle. Mandou que a introduzisse alli mesmo, e em poucos instantes viu tornar o familiar acompanhado de uma dama, que, ainda que cuidadosamente velada, deixava conhecer no ar e contornos delicados ser pessoa principal. O servo depois de profunda genuflexão retirou-se, deixando a mysteriosa desconhecida diante do commendador.

Permaneceu Vasco receoso e preoccupado: a recem-vinda conservava-se immovel, não acertando pronunciar palavra na extrema turbação em que se via. De repente tirando o véo que a cobria, e olhando fixamente para D. Vasco, disse-lhe com voz commovida e dolorosa:

— Reconheceis-me, senhor?

— Nunca vos vi mais que uma vez (respondeu elle surprehendido), ha quatro dias e desmaiada em casa de D. Sancha.

— Olhae-me bem: conheceis-me?

Vasco percebeu que similhante pergunta encerrava um pensamento grave e profundo. Examinou attento aquelle rosto que, posto fosse ainda bello, mostrava que já por elle tinham passado os dias da juventude. Viu-a pallida, formosa, mas com um ar fatidico no semblante. Em vão chamou as suas recordações; não achou outras.

— Crede, que vos não conheço.

— Pois eu conheço-vos, cavalleiro de Santiago, commendador de Montanchez! Sois D. Vasco Lopes! Quereis ser grão-mestre de Santiago, dictar leis a uma ordem poderosa, ser egual ao rei de Castella, ter grande thesouro, muitas villas e fortalezas, e depois da vossa morte sepulchro que aos seculos recorde o vosso nome!

— Se me conhecesseis.... (Disse Vasco que começava a achar n'aquella voz alguma lembrança longinqua).

— Silencio! Não me interrompaes. Toca-me agora levantar a voz n'este palacio, ou convento como queiraes chamar-lhe. Conheço o que vos abraza o coração, cujo unico idolo é a ambição, que vos tem feito renegar de tudo. Esse sentimento impetuoso, essa sêde inextinguivel de poder, vos fez já duas vezes perjuro. Quereis que vos mostre o perjurio? Perjurio foi professar, e estaes outra vez disposto a mentir a Deus e á ordem para ser grão-mestre. Mas agora não o conseguireis; não, porque eu estou aqui! Ouvis? Fallarei ao capitulo, pedirei vingança pela fé que haveis quebrantado. Perfido e máo cavalleiro insultastes a Deus, e enganastes a ordem; sois n'ella uma blasphemia viva, e á força de hypocrita dissimulação viveis aqui ha doze annos; sois casado e religioso; sois meu esposo.... sou vossa mulher; roubastes-me sem compaixão, arrancando do meu lado minha filha, depois de me terdes abandonado!

— Quem sois? (disse Vasco assustado e fóra de si) Quem sois? Fallae, mas baixo para não quebrar o silencio que aqui deve reinar.

— Estas palavras ha de escutal-as a ordem. Juro-vos que o seu echo resoará por toda a christandade. Deus é que me conduziu a Uclés; uma attracção irresistivel me chamava: hoje vou ficar vingada!

— Vingada! de que? Porque eu, infeliz, fui separado de vós pela minha familia; porque depois vos chorei por morta?...

— Vasco Lopes chorar? Conhecemo-nos bem; não vos creio. Acaso pensastes, ao menos uma vez, que eu chorasse? Lembrastes-vos nunca que, ha dezoito annos, um naufragio arrojou perto da vossa casa, nas costas da Galliza, uma joven, a quem salvaram não sei como? Que achando-se só, n'uma casa retirada, no meio d'uns pobres pescadores, recebeu as visitas d'um homem que, ainda que já passára os verdores da juventude, lhe fallou d'amor? Que ella escutou suas palavras quando de joelhos lhe pedia que o amasse? Que lhe beijava as mãos, humedecendo-lh'as com lagrimas, e cobrindo-lh'as de beijos ardentes? Mais tarde, em nome d'esse mesmo amor, como estava na epocha da vida em que os homens tem fé e coração generoso, fallou-lhe de vinculos sagrados e eternos. Uma noite tirou-a do seu asylo solitario, conduziu-a a uma egreja, e entre sombras, no meio de profundo silencio e vagos temores, um velho sacerdote bemdisse a sua união. Lembraes-vos que, mais tarde, n'essa casa solitaria essa mulher foi mãe, e o homem que lhe tinha jurado amor eterno não appareceu mais? Sobresaltado o instincto maternal, depois de tanto esperar em vão um dia e outro dia, essa rapariga saiu d'alli, percorreu as ruas das cidades, os castellos e os campos; perguntou por um poderoso senhor, e se dirigiu á sua familia invocando os seus direitos. Sabeis a consolação que recebeu d'essa familia? Arrebatarem-lhe sua filha, e tomarem a mãe infeliz por uma louca, que reclamava uma filha, e um pae para essa filha. Um dia disseram-lhe que elle tinha morrido. Acreditou. Aquelle homem parecia amal-a tanto, que só a morte o podia ter separado d'ella. Acreditou, porque o abandono em que se achava a convencia da sua morte. Chorou-o muito, muito. O instincto da liberdade, o cançaço dos encarregados por tanto tempo de guardal-a, lhe permittiram fugir, e correr mundo em busca d'uma filha, que lhe não tinham querido deixar, para chorar com ella. Vasco, a quem tanto tenho chorado, e a quem tenho crido morto, quando só me tinhas abandonado, por ti fui presa como louca, porque chorava; tu me abriste o abysmo em que me lancei, percorrendo um caminho que me não atrevo a olhar nem nomear! Entretanto fazias voto de cavalleiro e de religioso, e subias tão alto na ordem, que só te falta dar um passo para parar! Foi Deus que me conduziu aqui, e cheguei a tempo! Guardei como um thesouro precioso o acto do nosso matrimonio. Queres vêl-o?...

Ao mesmo tempo mostrava-lhe um pergaminho que apertava convulsivamente entre as mãos.

— Aqui está a assignatura do padre que nos uniu.... aqui está a tua assignatura tambem.... aqui está o sêllo da tua espada. Guardei-o por espaço de dezoito annos de lagrimas e pezares. Chegou o termo do meu pranto. Quero minha filha!... minha filha!...

Vasco estava como fulminado. Nada ouvia. Que lhe importavam as lagrimas que Isabel podia ter vertido? Um facto terrivel estava diante d'elle: aquella mulher com quem era casado vivia! Casado!... e o mestrado de Santiago que lhe fugia?... A terra abria-se debaixo de seus pés: quando contava elevar-se á maior altura, estava proximo a despenhar-se n'um abysmo. Vasco não saia d'aquelle torpor. Quasi machinalmente seus labios pronunciaram:

— Vossa filha morreu!

— Morreu minha filha!... Oh! não: mentes! Dize-me, por Deus, que mentes.... Não morreu (continuou ella depois de um momento de silencio): durante o dia penso n'ella sem cessar, e de noite vejo-a risonha a meu lado! Minha filha vive, estou certa d'isso, adivinho-o! Amo-a tanto! Quando, para salvar a tua ambição, me disseram que tinhas morrido, acreditei-o; mas minha filha não morreu, não! Ainda que o repetisses cem vezes, não te cria.

Vasco permaneceu silencioso e immovel.

— Falla! Maldisse-te, queria vingar-me, e não sairei d'aqui sem o conseguir. Hei de causar mais estrago que o raio, que a colera celeste despede contra a terra. Hei de tirar-te a mascara diante de todos os cavalleiros, e o teu nome será infame aos olhos de todo o mundo!... Se minha filha estivesse aqui, se m'a entregasses, apesar do meu rancor não sei o que faria.

N'aquelle momento tres grandes badaladas resoaram na torre do convento. Um momento depois tudo era silencio. Ao ouvir aquelle toque Vasco despertou, e alçando mãos ao ceo:

— Senhora (disse) os treze recolhem-se. Calae-vos, por Deus. Vós e eu.... os outros não sabem nada.... (e como se tivesse comprehendido por uma subita intuição tudo quanto Isabel lhe dissera, e elle não ouvira, acrescentou). Restituir-vos-hei vossa filha.

— Ah! vive?! Vou abraçal-a, vou ver minha filha?! Meu Deus, e tornarei a vêl-a! Oh! não me enganes! Ao ouvir-te agora dizer que vive, começo a duvidar. D'antes cria nos meus presentimentos; mas em ti nada creio. Por quem me juras que vive? Por quem juras que m'a has de restituir?

Vasco olhou enfurecido para aquella mulher, que era um obstaculo, um perigo, uma morte para elle no instante tantos annos esperado, e no ultimo momento. Estavam sós.... talvez uma tentação horrivel, mas impossivel, lhe assaltasse o espirito.... A mão descaíu involuntariamente para o punho cinzelado da adaga.... os olhos fuzilaram de furor....

— E por quem me juraes que vos calareis, agora e sempre?...

— Pelos meus soffrimentos de mãe, pelo odio profundo que te professo, pela vida de minha filha!

— E eu (disse Vasco entrando na sala do capitulo) pela minha cruz de grão-mestre de Santiago!

(Continúa).



Ruinas de Pompeia.

RUINAS DE HERCULANUM E POMPEIA.

A 23 de agosto do anno 79 da era christã, e primeiro do reinado de Tito, uma nuvem extraordinaria e medonha ergueu-se do Vesuvio, e dirigiu-se para a frota de Misene, a qual era commandada por um sabio illustre, Plinio o Antigo.

Poucas horas depois Herculanum e as pequenas aldeias de Ratina e Oplonte desappareciam submersas n'uma torrente furiosa de aguas ferventes e de lavas inflammadas. Collocadas em posição mais alta e mais longe do temeroso vulcão, Pompeia e Stabia eram sepultadas debaixo de alguns metros de cinzas e de *lapilli*, especie de chuva volcanica de pequenas pedras e areia candente.

Consummada a catastrophe, a Campania asserenou-se pouco a pouco. Novas povoações se edificaram sobre as lavas fecundas. Alexandre Severo algumas pesquizas mandou fazer, tirando de Pompeia muitos marmores preciosos. Vieram os barbaros depois: em presença d'estas erupções humanas, mais devastadoras que as do Vesuvio, esqueceu tudo, e quando o padeiro do seculo XVII mandou abrir o poço, que revelou a existencia das ruinas das duas famosas cidades, a memoria dos homens apenas conservára da Sodoma e Gomorrha italianas uma vaga recordação.

Desde a casual descoberta do humilde padeiro, a que nos referimos acima, as excavações tem continuado com mais ou menos regularidade. O que alli se ha descoberto constitue a materia de muitos volumes, que se encontram em todas as bibliothecas, e tem feito o estudo predilecto de archeologos distinctos.

Na impossibilidade de descrever ainda sómente o que de mais notavel se tem encontrado nas excavações das duas cidades, notaremos simplesmente, que não nos devemos ensoberbecer tanto das nossas presumidas grandezas, pois que nas ruinas do municipio obscuro de uma provincia romana tantas cousas encontrâmos que nos enchem da mais justa e profunda admiração. Com effeito alli, desde o templo até ao singelo armazem, desde a estatua votiva até ao utensilio de uso domestico, tudo é elegante, delicadamente desenhado, e de um acabamento que não póde ser excedido. As mais insignificantes fachadas são decoradas de pilastras e coroadas de frontões. As paredes das casas pintadas a fresco quasi todas!

Em um triclinio de verão encontrou-se um mosaico admiravel, copia evidente de algum bello quadro grego, representando a grande batalha de Alexandre. Se se examinam os moveis de uso mais vulgar, encontra-se a mesma perfeição, o mesmo gosto; dir-se-hiam executados sob a direcção do afamado Benevenuto Cellini. Taes são Herculanum e Pompeia, e por suas magestosas ruinas se póde avaliar até que altura se elevára a civilisação material do mundo pagão.

A gravura representa um *triclinio funebre*, modelo completo e perfeito d'essas grandes salas em que os romanos celebravam lautos banquetes em honra dos mortos.

Ninguem deve desamparar seu posto, sem ordem de quem lh'o confiou: o posto do homem é a vida.

A adversidade é o cadinho em que a virtude se apura, e a pedra de toque em que a amizade se prova.

BASTOS.

Explicação do enigma do numero antecedente.

Na terra dos cegos quem tem um olho é rei.

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão, Rua da Boa-Vista 4 B.